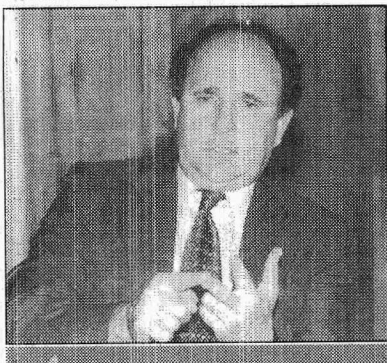


"Discurso do PT na campanha precisa trazer a confiança"

REPERCUSSÃO



O fato de Lula ter falado dele, das suas angústias e dificuldades, enriquece seu lado humano

Qual a avaliação que o senhor faz do PT nesse momento em que o PMDB decide apoiar a reeleição de Fernando Henrique e depois das declarações de Lula à Revista Veja?

- Do ponto de vista eleitoral, é claro que o fato do PMDB apoiar Fernando Henrique Cardoso dificulta a nossa posição. Do ponto de vista político, não muda nada. O PT vive um momento muito especial, muito rico, de um partido que está saindo da sua fase corporativa e reivindicatória para uma fase propositiva, global do ponto de vista da família brasileira inteira e não apenas das categorias dos trabalhadores. A longo prazo, não é fundamental quem o PMDB apóia. Isso pode ser importante para 98, mas não é importante para 2002, 2006, 2010, para 2014, tanto tempo que o nosso partido ainda tem pela frente. O importante hoje é aproveitar esse desafio e construir em torno a Lula um projeto nacional. Eu tenho chamado isso de dar um choque de socialismo no capitalismo brasileiro. O que na verdade eu estou fazendo no DF. Pequenas medidas, simples, mas que conduzem para uma sociedade melhor.

Mas isso exigiria um Lula mais animado. As declarações dele à Veja mostram que ele não está com esse espírito?

- Eu não tenho falado com o

Lula esses dias, mas as informações que tenho é de que ele está tão animado como nunca e que aquela entrevista foi fruto de um momento de descontração. Digase de passagem, é uma bela entrevista do ponto de vista de um ser humano. Eu reconheço, acho que ele próprio e todos nós, que para quem é candidato a presidente era melhor ter falado outras coisas com mais otimismo para o Brasil. O fato do Lula ter falado dele, das suas dificuldades, das suas contradições, de suas angústias, enriquece o lado humano de Lula na opinião pública.

O partido não ficou meio desanimado?

- Não sei se deixou o partido. Deixou muitos militantes perplexos pela aparente falta de ânimo. Eu não sei se é verdadeira porque eu não tenho estado com o Lula, mas acho que não existe esse desânimo.

O senhor acha que ainda há lugar no partido para outro candidato?

- Não. É muito difícil. Acho que o candidato tem de ser Lula. Ele representa um nome que unifica o partido. Animado ou desanimado, Lula significa unidade. Creio que ele está com um discurso propositivo, à frente do discurso do PT, reivindicatório apenas. Esse discurso propositivo vai passar muito mais facilmente no PT e na militância vindo do Lula, através do Lula, da boca do Lula, do que se viesse da boca de outros, como eu próprio.

O senhor já foi cotado para ser candidato, voltou-se a falar nisso?

- Na verdade eu nunca fui cotado, eu fui citado diversas vezes por diversas pessoas. Cotado mesmo era se tivesse viabilidade. Eu sempre defendi que o candidato tinha que ser Lula e eu sempre disse que ele trazendo um discurso novo, que eu defendo que exista, a nossa militância aceitaria muito mais do que se viesse por uma cara nova.

Por onde tem que passar esse discurso do Lula candidato

- Em primeiro lugar, o discurso não deve ficar preso às armadilhas da conjuntura econômica. Lula tem de vir olhando adiante, dizendo qual o Brasil que ele garante que vai existir quando ter-

minar o mandato dele. O problema não é se vai ter taxa de câmbio maior ou menor, se o País está exportando mais ou menos ou se o produto interno bruto é menor ou maior. A questão é saber se o povo está mais educado ou menos educado, com mais fome ou menos fome, consumindo mais ou menos. O discurso do PT em 98 tem de ser mais radical do que a defesa da distribuição de renda com a proposta de um novo conceito de riqueza, como por exemplo uma escola boa, atendimento médico, como ninguém passar fome. Esta é a primeira parte do discurso: formular uma esperança para o Brasil. Ao lado da esperança, o discurso precisa trazer confiança. A esquerda sempre trouxe a esperança mas nem sempre apresentou a confiança. O governo Fernando Henrique até que apresenta a confiança da moeda estável, mas que esperança de um Brasil está trazendo? São as duas

palavras mágicas para 98: esperança de um Brasil novo e confiança de que nós sabemos fazer.

O senhor acredita que a aliança em torno de Lula vai transformar isso em um programa de Governo?

- Se vai ou não é outra discussão, até porque em 94 não foi fácil. Mas eu vou brigar para que seja possível. Eu defendi a prévia para que fosse escolhido o candidato do PT porque aí se constrói uma proposta e quando termina se escolhe uma proposta nova e até mesmo uma cara, mas isso não é mais importante do que o discurso. Eu espero que a gente contrua esse discurso nos próximos meses.

O senhor acha que Lula pode sair com essa cara nova?

- O discurso novo é o mais importante e acho que Lula pode fazer. Eu não estou dizendo que não há dificuldades. Claro que há e muitas, internas e externas. Nós

temos hoje no Governo federal um candidato que monopoliza as forças políticas. Ele luta radicalmente contra os monopólios na economia, mas defende o monopólio na política. Está sendo construído um bloco monopolizador dos partidos majoritários. Lula pode trazer um discurso novo. Se a cara dele é nova ou velha não é fundamental.

O senhor acha que o adiamento do Encontro Nacional do PT passa por uma tentativa de se elaborar esse programa?

- Sou um militante de base do PT, eu não sei o que passou pela cabeça das lideranças de adiar esse encontro. Eu acho que deveria ser feito de qualquer maneira. Se não houvesse problema era melhor fazer o encontro e se houvesse era melhor fazer mais rápido ainda. Problema tem de ser enfrentado logo.

Isso influencia de forma negativa a campanha?

- Eu acho que atrapalha um pouquinho porque cria-se mais um tempo das pessoas não acreditarem para valer na candidatura Lula. Temos que partir para consolidá-la. Temos que queimar os barcos como fez Cortez na costa do Atlântico ao chegar ao México. Se Cortez tivesse deixado os barcos atracados, os companheiros sairiam correndo. Precisamos queimar os barcos, ir para as ruas e ganhar essa eleição.

O PSB decidiu iniciar a negociação ao invés de apoiar Lula abertamente. O senhor acha que isso pode ser um reflexo do adiamento?

- Não. Acho que isso faz parte do jogo político, que tem seu ritmo. Isso é igual ao casamento. Se apressa muito, tende a dar errado.

O senhor acredita então que as alianças em torno de Lula estão caminhando no ritmo certo?

- Talvez não no ritmo desejado. Mas nem sempre o ritmo desejado é o ritmo certo, que não força demais o processo. Essa questão, porém, tem de ser definida até fim de abril. É perfeitamente possível.

Como o senhor percebe essa decisão do PT de buscar os cacos do PMDB?

- Acho que não devemos perder tempo a procura de juntar cacos dos outros. É melhor juntar os nossos cacos, as nossas partes. Eles podem até vir, mas não sou favorável a ficar bajulando os que virão. Como podemos até ir para eles, se formularem um programa melhor.

Fica mal para imagem do PT buscar alianças com o Quêrcia, por exemplo?

- Buscar alianças não é ruim. Ruim é achar que se pode buscar acordos por cima de um programa. Sou favorável a alianças, mas não devemos fazer concessões ao nosso ideário para que eles venham. Vamos definir o programa sem radicalismos e sectarismos. Vamos esperar que eles venham para nós pelo projeto de confiança e esperança.

O senhor continua no governo do Distrito Federal?

- Claro. E candidato à reeleição.